

**ESPAÇO: POSSIBILIDADE DA MATERIALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES  
SOCIAIS**

Aline Tschöke<sup>1</sup>  
Flavia Vieira<sup>2</sup>  
Talita Marques Santos<sup>3</sup>  
Simone Rechia<sup>4</sup>

**Resumo**

*Este trabalho tem por objetivo demonstrar que os espaços constituintes das grandes cidades podem ser considerados como uma importante categoria social a ser discutida e estudada, uma vez que é no tempo e no espaço que as relações sociais acontecem. Desta forma, pretende-se mostrar, que por meio da análise das formas de apropriação dos espaços, indo além das dimensões que lhe dão a forma estrutural, é possível compreendê-lo como palco para a vida dos atores sociais, os quais ao mesmo tempo em que constituem o espaço são constituídos por ele.*

**Palavras-chave:** espaço, apropriação, relações sociais.

Este trabalho tematiza a categoria espaço e suas possíveis relações com a compreensão da sociedade, uma vez que essa dimensão possibilita compreender as diferentes formas de apropriação dos espaços da e na cidade de Curitiba-PR.

A categoria espaço, segundo Elias (1994), no início das produções científicas, era concebida apenas pela forma concreta significado pela largura, profundidade e comprimento, entretanto estes estudos avançam quando trazem que “a localização plena de um facto no espaço não é possível a menos que ela seja acompanhada da sua localização no tempo” (p. 3), isso significa dizer que os fatos sociais ocorrem num espaço e num tempo, pois o espaço não é a única dimensão dos acontecimentos, estes devem ser situados também num tempo para que tenham sentido, sendo assim não é possível dissociar essas duas categorias.

Corroboramos com a posição de Luchiari citada por Cagnato (2007), a qual defende “a importância dos espaços para compreensão da articulação e organização da sociedade” (p.13). A partir da compreensão de como o espaço está constituído, suas formas de apropriação, suas transformações, os sentidos e significados a ele atribuídos, é possível entender as relações sociais. Nessa mesma perspectiva o espaço pode ser inserido na constituição de uma teoria social crítica:

“O espaço e o tempo deixam de ser considerados como mera representação ideológica das sociedades e passam a ser assimilados como a materialidade latente, o substrato da vida social que também é passível de uma leitura para investigar o comportamento e a estratificação sociais” (LUCHIARI, 1996, p.218).

<sup>1</sup> Mestranda em Educação Física – UFPR.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação Física – UFPR.

<sup>3</sup> Mestranda em Educação Física – UFPR.

<sup>4</sup> Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> do Curso de Educação Física e do Programa de Mestrado da UFPR.

Sendo assim, vemos que as características tridimensionais apontadas por Elias (1994) dão forma física ao espaço, mas é a apropriação por parte dos sujeitos que lhe dá sentido e significado. Deste modo o espaço ganha vida e deixa de ser apenas uma representação tridimensional.

Esta apropriação está relacionada com o espaço que para Tuan (1983) transforma-se em lugar quando é preenchido por experiências e vivências relacionadas tanto aos sentimentos de dependência quanto de liberdade. Nesse sentido o autor entende que existe uma relação dialética entre essas duas dimensões “O espaço permanece aberto, sugere futuro e convida à ação. O espaço fechado e humanizado é lugar. [...] O lugar representa a segurança, enquanto o espaço representa a liberdade” (TUAN, 1983, p.3).

A partir dessa reflexão Cagnato (2007) infere que a apropriação de um espaço ou delimitação espacial está ligada ao poder simbólico deste com o lugar, ou seja, os laços afetivos que as pessoas estabelecem com um espaço. Da mesma maneira Bourdieu (2002) apresenta que o espaço físico em si mesmo “não passa do suporte vazio das propriedades sociais dos agentes e instituições que, estando distribuídos por esta superfície, transformam-na em um espaço social, socialmente hierarquizado” (p.38). A partir do momento em que se transforma em espaço social este passa a nos revelar as regras, as tensões e os signos dos agentes que se apropriam dele.

Ao investigar os espaços<sup>5</sup> encontramos manifestados neles as posições e as oposições constitutivas dos diferentes campos da sociedade. Deste modo os estudos sociológicos são enriquecidos quando contemplarem a categoria espaço, pois este não é somente o pano de fundo onde as relações acontecem, mas constitui e é constituído pela dinâmica social.

Em se tratando de espaços e relações sociais, Forneiro citado por Horn (2004, p.35) aponta que o termo espaço pode ser relacionado também com o ambiente, sendo assim:

“O termo ‘espaço’ se refere aos locais onde as atividades são realizadas, caracterizados por objetos, móveis, materiais didáticos, decoração. O termo ‘ambiente’ diz respeito ao conjunto desse espaço físico e as relações que nele se estabelecem, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais do processo, os adultos e as crianças; ou seja, em relação ao espaço, temos as coisas postas em termos mais objetivos; em relação ao ambiente, as mais subjetivas”

Nessa perspectiva a sociedade pode ser focalizada, no estudo de um ambiente que seria a soma de diferentes espaços e das relações neles e entre eles estabelecidas. A singularidade, que caracteriza cada espaço reside no fato dele ser “... algo socialmente construído, refletindo normas sociais e representações culturais que não o tornam neutro e, como consequência, retrata hábitos e rituais que contam experiências vividas...” (HORN, 2004, p.37), ou seja, são reflexos e espelhos dos acontecimentos, fenômenos, das ações e relações desenvolvidas pelos indivíduos que os planejam, constroem, e principalmente pelos que se apropriam. Em cada contexto cultural retrata “... seus símbolos e signos, os quais não são criados ou descobertos pelo sujeito, mas por ele apropriados” (HORN, 2004, p.37). Nessa direção, Rechia (2006) discorre que mesmo o espaço sendo planejado para ser apropriado de determinada maneira os sujeitos podem a

<sup>5</sup> Pesquisas realizadas no Centro de Estudos de Esporte, Lazer e Sociedade/UFPR, dentre elas Rechia (2003), França (2007), Cagnato (2007), Gonçalves (2008), entre outras.

qualquer instante (re)significá-los. Ou seja, mesmo que os sentidos e significados planejados para este espaço tenham um fim específico, cabe aos indivíduos, pelas diferentes formas de apropriação, aceitar ou alterar esse plano. Portanto, essa relação planejamento- espaço- indivíduo é dinâmica.

Nessa perspectiva Milton Santos (1997, p.25) salienta que o “lugar constitui a dimensão da existência que se manifesta através de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições-cooperação que em conflito são a base da vida em comum”, essa reflexão reafirma que as relações sociais e a apropriação do espaço podem desvendar os sentidos e significados nas ações cotidianas.

Em síntese, para Rechia e França (2006, p.63) o “espaço e lugar são componentes básicos do mundo vivido. Assim, o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. Nessa perspectiva a análise do espaço assume uma importância no contexto da modernidade, visto que o espaço “transforma-se no modo privilegiado de pensar e agir o fim do século. Assim sendo, é de pensar que as representações sociais do espaço adquiriram cada vez mais importância e centralidade analíticas.” (SANTOS, 2006, p.63)

Fazendo correspondência direta entre a organização social e a organização do espaço, Bourdieu (2002) aponta que os ocupantes das posições dominantes nos diferentes campos - por exemplo, a classe econômica mais privilegiada - tendem a ocupar as posições dominantes do espaço social. Deste modo percebemos um jogo de homologias, onde as distribuições espaciais dos diferentes campos tendem a sobrepor-se. Um exemplo muito claro desse jogo homólogo é a distribuição espacial das cidades onde o capital econômico está diretamente relacionado à distribuição das moradias pelos bairros. Além disso, podemos perceber que o capital econômico também define o acesso a determinados espaços onde as barreiras podem ser tanto objetivas quanto simbólicas. Desta maneira o autor afirma que a distribuição do espaço social é definida pela “relação entre bens distribuídos no espaço e agentes definidos por capacidades desiguais de apropriação de tais bens” (BOURDIEU, 2002, p.38).

Passeando pelos espaços de lazer de Curitiba podemos observar a distribuição das classes sociais nesse tempo e espaço diferenciado. No caso dos teatros e shoppings, a distribuição no espaço se aproxima de forma mais visível da distribuição no campo. Os *shoppings* reagrupam todas as instituições que ocupam a posição dominante em seus respectivos campos. Em um passeio por estes espaços em Curitiba podemos encontrar várias lojas de grifes internacionais que não podem ser encontradas nas ruas da cidade, além disso, percebemos que as maiores empresas sempre estão presentes nestes estabelecimentos (como Mc Donalds, C&A, etc.), tanto que quando vamos a um *shopping* temos a certeza de que poderemos encontrá-las. Acrescentamos que *estes* locais apresentam uma unidade no modo de funcionar, nos estabelecimentos constituintes e no público alvo. Como afirma Bourdieu (2002, p.33):

“as instituições da produção e difusão de bens culturais tendem a organizar-se em sistemas que, entre si, são homólogos de forma estrutural e funcional, além de manterem uma relação de homologia estrutural com o campo das frações da classe dominante (na qual é recrutada a maior parte de sua clientela)”.

Continuando o passeio, agora pelos teatros da cidade de Curitiba, podemos observar a diferença entre o que Bourdieu denomina ‘teatro burguês’ e ‘teatro de vanguarda’. Conseguimos perceber diferenças nas características sociais do público, nas características dos autores representados, das obras e das próprias empresas de teatro.

Se atentarmos para o Teatro Guaíra e o Teatro Unicenp fica claro que estes se enquadram perfeitamente nas características do teatro burguês, pois são instituições que:

“preocupadas com a rentabilidade econômica são impingidas a utilizar estratégias culturais de extrema prudência propondo espetáculos – já representados ou concebidos segundo receitas seguras e confirmadas – a um público adulto burguês disposto a pagar preços elevados para assistirem a um espetáculo de simples diversão” (BOURDIEU, 2002, p.34).

As peças apresentadas nestes teatros geralmente são aquelas de grandes diretores já reconhecidos, com atores ‘globais’, e variam entre peças famosas rearranjadas e comédias exibidas a preços altos sempre para o mesmo público.

Quanto aos outros teatros da cidade, que são de menor porte e reconhecimento, caracterizam-se por instituições que, do ponto de vista econômico e cultural, correm riscos, “e que propõe, a preços relativamente reduzidos, espetáculos em ruptura com as convenções e destinados a um público jovem e intelectual” (BOURDIEU, 2002, p.34). Nestes estabelecimentos os espetáculos podem ser mais ousados e inovadores, pois seu objetivo principal não é o ganho econômico e sim a produção e a divulgação da arte.

Portanto essa duas dimensões, teatro burguês e teatro de vanguarda coexistem no meio urbano.

Nesta perspectiva de distinção social, um fato marcante ocorrido em Curitiba, foi a polêmica proibição de um grupo de jovens integrantes do movimento hip-hop, de entrar no mais novo *shopping* da cidade<sup>6</sup>.

Este fato demonstra que o espaço do *shopping center* muitas vezes é segregador, pois a representação social da periferia denota o sentido de não pertencimento à esse lugar.

Entretanto existem movimentos de resistência constituídos em espaços urbanos que transformaram-se em lugares singulares na cidade de Curitiba, por exemplo a chamada ‘boca maldita’<sup>7</sup>. Neste local se encontra o mais famoso café da cidade, chamado Café da Boca, onde atualmente grupos de pessoas se reúnem para discutir a vida cotidiana, falar de política, ler as notícias no jornal e discutir os mais diversos assuntos.

Tendo em vista o que foi até agora mencionado, podemos afirmar que o espaço é muito mais do que apenas dimensões representadas por números, é nele que as diferenças econômicas, sociais e culturais se materializam.

## **ALGUMAS REFLEXÕES**

<sup>6</sup> Informação obtida no jornal Gazeta do Povo de 27 de maio de 2008, página 7.

<sup>7</sup> A Boca Maldita é considerada uma “Tribuna livre criada em 1957 e institucionalizada em 13 de dezembro de 1966. Um dos fundadores, Anfrísio Siqueira, é seu eterno presidente. Poderosa e machista, a Boca é famosa desde que se atribuiu a ela a responsabilidade pela cassação, nos anos 70, do governador do Estado Haroldo Leon Peres. Seu lema é "nada vejo, nada ouço, nada falo". Durante a ditadura militar, funcionou como tribuna livre. Fica no calçadão da Avenida Luiz Xavier, em frente aos cafés”. (retirado de: [http://www.curitiba.pr.gov.br/pmc/a\\_cidade/Roteiros/LinhaPinhao/47.html](http://www.curitiba.pr.gov.br/pmc/a_cidade/Roteiros/LinhaPinhao/47.html), visitado em 30/07/08).

Articulando os conceitos de espaço apresentados e uma possível interpretação da sociedade, podemos afirmar que o espaço faz parte da dinâmica das relações sociais. Desta maneira a construção do conhecimento não pode negar sua relevância, pois além de conter um aspecto dimensional, quando apropriado, transforma-se em lugar dotado de sentidos e significados que o tornam meio capaz de auxiliar na compreensão das representações sociais. Somado a isso, a distribuição e dinâmica do espaço pode revelar as diferenças entre as classes sociais, assim como a constituição de grupos.

Sendo assim, fica claro que tratar do espaço apenas como dimensão física, é reduzir o seu potencial de análise, pois é no espaço – e também no tempo – que as relações sociais acontecem e se concretizam.

Desta forma, fica evidente que estudar o espaço nos permite compreender os fenômenos sociais da atualidade – também de épocas passadas –, já que o espaço não se constitui como uma categoria inerte na vida das cidades e dos cidadãos que nelas vivem. Os espaços possuem uma certa dinâmica que lhes é única: a possibilidade da materialização das relações sociais.

## **REFERÊNCIAS**

BOURDIEU, Pierre. **A Produção da Crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.

CAGNATO, Euza Virginia. **Praça Afonso Botelho**: o foco das observações no âmbito do esporte e do lazer. UFPR, 2007. (dissertação de Mestrado).

ELIAS, Norbert. **Teoria Simbólica**. Oeiras: Celta Editora, 1994.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004. LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**, 1901; tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LUCHIARI, Maria Tereza. A categoria espaço na teoria social. **Revista Temáticas**, Campinas, jan./jun. p.191-238, 1996.

RECHIA, Simone. O jogo do espaço e o espaço do jogo em escolas da cidade de Curitiba. In: **Revista brasileira de Ciências do esporte**. Campinas, v.22, n.2, p.91-104, jan. 2006.

RECHIA, S. ; FRANÇA, R. O Estado do Paraná e seus espaços e equipamentos de lazer e esporte: apropriação, desapropriação ou reapropriação. In: MEZZADRI F.M.; CAVICHIOLLI, F.R.; SOUZA, D.L. **Lazer e esporte**: subsídios para o desenvolvimento e a gestão de políticas públicas. Jundiaí: Fontoura, 2006. P. 61-74

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. \_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**: técnicas e tempo, razão e emoção. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2006.



**1º ENCONTRO DA ALESDE**  
**“Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas”**  
**UFPR - Curitiba - Paraná - Brasil**  
**30, 31/10 e 01/11/2008**

**TUAN.Y. Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de oliveira.  
São Paulo: Difel, 1983.